

Luísa Maria Bento de Ávila

O que permanece do que se foi? Morte e luto na História em Quadrinhos

Uberlândia

2026

Luísa Maria Bento de Ávila

O que permanece do que se foi? Morte e luto na História em Quadrinhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Denise Stefanoni Combinato

Uberlândia

2026

Luísa Maria Bento de Ávila

O que permanece do que se foi? Morte e luto na História em Quadrinhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato.

Banca examinadora

Uberlândia, 03 de Julho de 2026

Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Yara Magalhães dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Carla Nunes Vieira Tavares

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2026

Agradecimentos

“- Tu sonha muito, Chico.
- Foi a morte que me ensinou.
O tempo de sonhar é em cima da
terra”
Acioli, 2014

Nas entrelinhas deste trabalho, há histórias e, sobretudo, pessoas que fizeram parte dela e a quem sou muito grata.

Agradeço à Denise, minha orientadora que tanto admiro e que me auxiliou para que tudo fosse estudado e escrito com cuidado, responsabilidade e afeto nesta caminhada.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais Valéria e Humberto, à minha irmã Alice Maria e aos meus avós Cristina, Toninho, Oneida e Ronaldo. Sou grata por viver ao lado de vocês e por cada sorriso, conversa, aconchego e palavra de incentivo que fizeram com que eu vivesse o percurso na universidade com mais força e amor.

Agradeço a minhas madrinhas, aos meus padrinhos e aos meus amigos pelas confidências, pelo apoio, pelas risadas, pelos abraços e pelo companheirismo, seja nos momentos de entusiasmo, preocupação ou desesperança.

Cada um de vocês, à sua maneira, também me ensinou que o tempo de sonhar é em cima da terra. Obrigada.

Dedicatória



Estúdios Mauricio de Sousa, 2007

*A todas as pessoas que deixaram
um pedaço de si em mim e que,
mesmo longe, estão vivas em
pequenos e grandes detalhes da
minha história*

Resumo: Morte e luto são impregnados de valores, afetos e significados associados ao contexto histórico e sociocultural. A fim de compreender diferentes sentidos ligados a estas temáticas e contribuir com subsídios para a atuação profissional em Psicologia, este trabalho buscou realizar, frente ao potencial da Arte e, especialmente, da Literatura, uma análise da obra *A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007). A análise da História em Quadrinhos (HQ) foi feita à luz da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo de contribuições de Vigotski (1999) e a partir das contribuições de Candido (1995). Ao caminhar entre as palavras dos personagens, foram encontradas a morte, o luto e a vida como temáticas de destaque. No encontro entre texto e ilustração, as expressões dos personagens, as letras garrafais em momentos específicos e as palavras utilizadas são exemplos de recursos que podem suscitar diversos afetos e reflexões a respeito de sentidos das temáticas delimitadas, como também aproximar autor e leitor. Assim, a análise reforça a potência da composição entre forma e conteúdo, isto é, da Arte na transformação de afetos e pensamentos, na humanização e, logo, na formação em Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia, Arte, Literatura, Morte, Luto.

Abstract: Death and bereavement are permeated by values, affections, and meanings associated with the historical and sociocultural context. In order to understand different meanings related to these themes and to contribute with subsidies for professional practice in Psychology, this study sought, in the face of the potential of art, especially Literature, to analyze the work *A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007). The analysis of the comic book was conducted through the lens of Cultural-Historical Psychology, particularly drawing on the rich contributions of Vigotski (1999) and following the contributions of Candido (1995). By moving through the words of the characters, death, bereavement, and life were found to be central themes. In the meeting between text and illustration, the expressions of the characters, the use of large capital letters in specific moments, and the chosen words are examples of resources capable of evoking various affections and reflections regarding different meanings of the themes addressed, while also bringing author and reader closer together. Thus, the analysis reinforces the power of the composition between form and content, that is, the power of Art to transform affections and thoughts, promote humanization, and contribute to professional training in Psychology.

Keywords: Psychology, Art, Literature, Death, Bereavement.

1. INTRODUÇÃO

“Oh, pedaço de mim
 Oh, metade amputada de mim
 Leva o que há de ti
 Que a saudade dói latejada
 É assim como uma físgada
 No membro que já perdi”
 Buarque de Hollanda (1978)

Nos versos de Chico Buarque, o compositor, acompanhado dos encantos de uma melodia intensa, dá forma às palavras e faz uma honesta e sensível referência a perdas e, logo, ao luto, uma vez que ele é caracterizado por uma junção de diferentes reações quando se está à frente de uma ruptura, de perdas não necessariamente ligadas à morte (Combinato & Queiroz, 2006; Fischer et al. 2007), de “um pedaço de si que se foi” (Kovács, 1992, p. 154). Para além da estrofe em destaque, em cada uma das outras, o compositor faz uma nova associação de palavras para falar do pedaço que é perdido. Pode-se, então, interpretar que essas diferentes formas de falar da perda contam sobre como o momento é singular, sensível e abarrotado de sentidos diferentes.

Denomina-se luto “a reação a uma perda [...], seja ela real ou simbólica” (Fischer et al. 2007, p.17), o que indica que ele pode ocorrer diante de situações como a morte de um ente querido, demissões, mudanças de cidade e términos de relações, sejam elas amorosas, de amizade ou familiares. Assim, fica evidente que o luto pode estar presente na vida de todos e ser, aliás, uma “morte em vida” (Combinato & Queiroz, 2006, p. 2012), pois, ao longo dela, pode-se pensar em diferentes pequenas e grandes perdas que vão acontecendo e, em muitas circunstâncias, tirando pedaços, deixando marcas que requerem elaboração.

Uma das circunstâncias atrelada ao luto é a morte. Ela, que antes tinha as suas manifestações respeitadas, atualmente, em meio a uma realidade social centrada na produtividade, no progresso, tornou-se vergonhosa, interdita, impronunciável, encarada pela

sociedade com um olhar preconceituoso, o que contribui para a coisificação dos mortos e, logo, do ser humano (Fischer et al. 2007; Maranhão, 1996). Ademais, de forma paradoxal, os meios midiáticos noticiam, cotidianamente e com velocidade, mortes, doenças e violências, intercalando, com a interdição, uma comunicação invasiva destes eventos e que não deixa espaço para elaborações que demandam tempo (Kovács, 2005). Neste contexto, sente-se que a morte, embora seja universal, é colocada distante, de lado, junto com os afetos e as reflexões que ela desencadeia, também silenciados. Esta negação da existência da morte alcança, também, os profissionais da saúde que, embora, muitas vezes, convivam com ela no cotidiano, possuem dificuldades para o enfrentamento das circunstâncias de terminalidade da vida (Combinato & Queiroz, 2011).

Segundo Junqueira et al. (2021), os instrumentos criativos e expressivos da Arte podem ser aliados poderosos no enfrentamento do luto, pois, na falta de palavras e representações que expressem os diferentes afetos, muitas pessoas enlutadas procuram metáforas que podem dar, à dor, sentido e forma. Entende-se, assim, que a Arte pode possibilitar o encontro de novos sentidos para a vida diante do luto, não na intenção de reconhecê-lo como algo colorido ou de romantizá-lo, mas sim de viver com ele de forma saudável, de acolher as diferentes dores que podem surgir com a morte como uma avalanche.

Para Vigotski (1999, p. 315), “a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser”, o que guia para a compreensão de que ela afeta o espaço em que o sujeito, afetado, fala de si e dos outros, afetando. Dentro da Arte, a Literatura, como afirma Candido (1995), tem papel humanizador, ao levar o ser humano a refletir, adquirir saberes, afinar as emoções, as relações com o próximo, bem como a percepção do mundo e dos sujeitos. Também, pode ser uma forma de manifestação das emoções e dos olhares que os sujeitos têm para o mundo, uma forma de conhecimento e “uma construção de objetos autônomos como

estrutura e significado” (Candido, 1995, p. 176). Deste modo, compreende-se que ela é um dos caminhos por onde passa a Arte e por onde é possível sentir, expressar, humanizar e aprender. A Literatura, então, impacta e “quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização” (Candido, 1995, p. 178), isto é, a Literatura só afeta a partir da composição entre conteúdo e forma dada por cada olhar de quem a produz.

No espaço em que se fala de morte e luto a partir de obras literárias, Jorge (2021) utiliza os trechos do livro *O meu amigo pintor* (Bojunga, 1987/2006) para explicitar como a estória pode aproximar o leitor a um olhar para o luto e o suicídio que não inclua preconceitos e estereótipos, mas sim sensibilidade diante da multiplicidade de fatores que o atravessam, dentro e fora da ficção. A partir disto, a autora aponta a importância da valorização da Literatura, sobretudo da nomeada infanto-juvenil, bem como sobre a potência dela e da Arte na mediação entre o mundo - no qual há morte, há vida - e os sujeitos, sejam eles crianças, jovens, adultos e idosos.

Correia (2013) também ressalta que o luto é um processo individual e, a partir de obras literárias, pode ser um tema trabalhado com todos, sobretudo jovens e crianças, a fim de “desmistificar este momento de perda, compreendê-lo e aceitá-lo, deixando de o considerar um tema complexo e/ou um tabu” (Correia, 2013, p. 89). Esta autora, ao realizar uma pesquisa que estuda a Literatura como recurso para falar a respeito do luto nas escolas, contribui para a reflexão de que a Arte é um elemento potente nos diálogos desta temática dentro do contexto da Psicologia Escolar e Educacional, por exemplo. Em consonância com esta reflexão, Silva e Nunes (2021), destacam que as vivências com a Arte são fundamentais na formação crítica de profissionais da Psicologia, sobretudo, Escolar, uma vez que os elementos e as potencialidades deste campo de conhecimento podem ser utilizados tanto na atuação profissional quanto na formação pessoal.

Dentro das produções literárias, as Histórias em Quadrinhos (HQs) com a união de desenhos e textos - como as HQs da Turma da Mônica, tirinhas de maior sucesso nacional de público (Santos, 2001) - podem ser instrumentos utilizados para a transmissão de diferentes conhecimentos (Santos, 2001) e, simultaneamente, formas de expressão, construções de objetos independentes e humanizadores (Candido, 1995). Neste contexto, tem-se o exemplo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Fukumoto (2024), que fala sobre parte da História da autora e mostra como a criação de uma HQ após a morte do avô - “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui” - foi ímpar para que não só ela, mas também diferentes leitores, tivessem novas perspectivas e sentidos para o luto. A partir desta criação, a escritora conta que a tirinha a fez se conectar mais com ela mesma e com os diferentes sentidos que encontrou ao falar sobre a morte, o que destaca o potencial da Arte nos diálogos e na escuta atrelada aos processos de enlutamento.

Para além deste exemplo, assim como pontua Jorge (2021), a Literatura é um recurso possível para abordar qualquer tema, inclusive o luto e o suicídio, e em qualquer faixa etária, evidenciando, já no princípio, que as obras nomeadas como infanto-juvenil podem afetar qualquer público. Neste sentido, destaca-se a importância de estudos dedicados à relação dela com diferentes fatores que atravessam a vida. Também, notou-se uma escassez de trabalhos semelhantes, principalmente a respeito da morte e do luto, o que intensifica tal importância.

Outrossim, a morte, que se apresenta não somente como um fato biológico, mas como um acontecimento imbuído de diferentes valores e sentidos atrelados ao contexto histórico e sociocultural, faz parte da vida dos seres humanos e a atividade dos profissionais que têm o processo da morte presentes no trabalho é afetada pela compreensão que eles possuem a respeito (Combinato & Queiroz, 2006; Papalia & Martorell, 2022). Deste modo, nota-se a relevância de estudos da temática a partir de perspectivas como a da Psicologia Histórico-Cultural e que

investiguem os diferentes espaços onde o tema aparece, como na mídia, no cinema ou na literatura, por exemplo.

Diante destas relevâncias e dos afetos pessoais atrelados às minhas vivências com as Histórias em Quadrinhos, este estudo pretende ir ao encontro dos diferentes sentidos presentes na composição entre forma e conteúdo de uma HQ que dialogue com os enlaces entre morte, luto, vida, Psicologia e Arte.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Objetivo

Busca-se realizar uma análise, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, de uma História em Quadrinhos em que a morte e o luto estejam presentes, a fim de compreender diferentes sentidos entrelaçados a estas temáticas e, assim, contribuir com subsídios para a atuação profissional em Psicologia.

2.2 Método

Há de se explicar como será o caminho da investigação que pretende, em meio aos encontros entre morte, vida, luto, Arte e Psicologia, alcançar aportes para um olhar mais cuidadoso em direção à trajetória dos sujeitos, em que pode haver rupturas, perdas de pedaços deles próprios. Pensa-se que esse caminho rumo ao cuidado pede por meios que sejam técnicos e, ao mesmo tempo, sensíveis. Por isso, as escolhas a seguir apresentadas foram feitas a partir de referências teóricas e afetivas.

Começamos pela escolha de como será traçado este caminho: a partir da análise de uma História em Quadrinhos em que a morte e o luto façam parte do conteúdo. Foi escolhida uma obra classificada como infanto-juvenil, que, carregada de potência, conforme defende Jorge (2021), pode dialogar a respeito da morte com qualquer público. Diante disso, entende-se que

o trabalho é de natureza qualitativa, abordagem que, assim como explicita Minayo (2002, p. 22), “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”, o que corresponde ao olhar e aos sentidos possíveis diante da morte, do luto e da vida.

Para uma análise robusta e cuidadosa, sabe-se da importância de uma fundamentação teórica também feita com robustez e cuidado, o que se pretendeu realizar neste trabalho a partir da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo de ricas contribuições de Vigotski (1999) sobre os entrelaços entre Arte e Psicologia; e a partir das contribuições de Candido (1995).

O papel da Arte, para Vigotski (1999), vai além do contágio de sentimentos de um artista para outras pessoas. De fato, ao pensarmos a Arte como algo potente, que abre alas para diferentes afetos e sentidos, assentimos com a afirmação do autor de que “se um poema que trata da tristeza não tivesse nenhum outro fim senão contagiar-nos com a tristeza do autor, isto seria muito triste para a arte” (Vigotski, 1999, p. 307). A partir desta reflexão, Vigotski nos convida a comparar o milagre da Arte com o milagre do Evangelho da transformação de água em vinho, uma vez que a natureza dela “sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela Arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido” (Vigotski, 1999, p. 307). Entende-se, então, que uma missão que a Arte possui é a de transformar, produzir sobre um material algo novo, o que embasa uma análise a fazer-nos pensar: quais transformações estão aqui presentes? Qual material da vida foi recolhido e o que foi produzido acima dele? Afinal, a “arte está para a vida como o vinho para a uva” (Vigotski, 1999, p. 307) e pensa-se ser possível explorar a Arte com base na transformação que ela faz a partir da vida.

Ao mencionar a potência da arte em despertar novos afetos e sentidos, é cabível elucidar estes dois conceitos. Martins e Carvalho (2016), ao explicarem, a partir da Psicologia Histórico-

Cultural a atividade humana como unidade afetivo-cognitiva referenciam a compreensão Vigotskiana a respeito dos afetos. Para Vigotski (2004, citado por Martins & Carvalho, 2016), os afetos - como as emoções e os sentimentos, que também são denominados pelo autor como emoções complexas - tem natureza histórico-cultural e estão interconectados com as outras instâncias psicológicas, isto é, o funcionamento afetivo ocorre em relação com os demais processos funcionais. Enquanto isso, o sentido diz respeito à singularidade historicamente construída pelo sujeito sobre o significado, que é o valor semântico das palavras produzido historicamente, compartilhado e apropriado pelas pessoas (Aguiar & Ozella, 2013), como se o significado fosse um desenho mais fixo socialmente e o sentido fosse este mesmo desenho colorido por cada sujeito.

Ademais, Vigotski (1999, p. 199) destaca que “na obra de arte há sempre certa contradição subjacente, certa incompatibilidade interna entre o material e a forma”, isto é, o autor explica a nós que a forma não harmoniza com o conteúdo, mas sim confronta-o e é a partir disso que os sujeitos podem ser afetados, podem acessar novos sentidos. Para exemplificar este raciocínio, Vigotski (1999) faz a análise de uma novela, em que a composição do enredo cria novos sentidos sobre as palavras e é o que transforma uma história corriqueira em uma novela - como a transformação da água em vinho.

O autor destaca também que todas as obras de Arte suscitam inúmeros sentimentos opostos entre si e provocam “seu curto-circuito e destruição” (Vigotski, 1999, p. 269), o que ele chama de “verdadeiro efeito da obra de arte” e aproxima do efeito de catarse. É possível, então, entender que as transformações da água para o vinho, do material da vida para algo novo, com novos sentidos, levam a uma complexa transformação dos afetos – a catarse. A partir disso, compreende-se que outra missão da Arte, ou melhor, o efeito verdadeiro dela é a catarse, a experimentação de uma descarga complexa de emoções e sentimentos distintos que confrontam

o conteúdo (Vigotski, 1999), o que nos encaminha a pensar também: de quais modos a transformação de um material da vida leva o receptor à catarse?

Em diálogo com Vigotski (1999), Candido (1995) também é um autor que discorre a respeito da potência da Literatura e, assim como assinala Combinato (2018), ambos defendem a relevância da forma na constituição das obras, bem como são consonantes à visão de que, a partir da construção entre forma e conteúdo, a Arte tem efeito transformador nos pensamentos e sentimentos humanos. No entanto, enquanto Candido (1995) menciona que a composição entre forma e conteúdo é o que assegura o efeito da obra, Vigotski (1999) detalha que o efeito só ocorre quando a forma contradiz, supera e combate o conteúdo (Combinato, 2018).

Ao falar, sobretudo, da Literatura e do potencial humanizador dela, Candido (1995, p. 177) aponta que “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo”, isto é, a composição que os autores fazem entre a forma e o conteúdo afeta o olhar dos sujeitos, humaniza, possibilitando quiçá o surgimento de novos sentidos a respeito dos conteúdos abordados. O autor exemplifica este apontamento ao analisar um trecho da obra *Marília de Dirceu* (Gonzaga, citado em Candido, 1995), em que, por meio de sonoridades mágicas e da apresentação do afeto em palavras, “a forma permitiu que o conteúdo ganhasse maior significado e ambos juntos aumentaram a nossa capacidade de ver e sentir” (Candido, 1995, p. 179).

A partir das contribuições de Vigotski (1999) e Candido (1995), pretende-se, então, que o caminho percorrido inclua, primeiro, uma leitura atenciosa da obra, da composição entre forma e conteúdo, em que o olhar não caminhe apenas pela superfície da História em Quadrinhos, mas mergulhe nela, rumo ao que só se encontra quando se olha com cuidado. Assim, a fim de compreender os sentidos e significados atrelados à morte e ao luto, essa análise cuidadosa busca ir em direção ao enredo e, principalmente, a como ele é disposto - as palavras

escolhidas e os conteúdos que elas versam, as ilustrações feitas, as ações e expressões dos personagens.

É valioso acentuar que, assim como pontuam Aguiar e Ozella (2013), apreender sentidos não significa apreender respostas únicas e completas, mas olhares parciais, contraditórios, que, ao mesmo tempo, falam sobre a forma de viver e o que foi vivido por quem olha. Além disso, os autores, ao dialogarem a respeito do processo de análise, elucidam como relevante a organização e revelação da essência dos conteúdos, bem como o olhar construtivo-interpretativo de quem analisa, o que nos inspira a fazer uma análise que, a partir de um olhar vivo para os sentidos, sintetize estes conteúdos (Aguiar & Ozella, 2013), em temáticas de destaque, por exemplo.

Para a escolha da obra de análise, priorizou-se uma que não foi analisada previamente - fato atestado ao realizar buscas em diferentes sites de periódicos e livrarias eletrônicas - a fim de filtrar a riqueza de escritos presentes no universo na Literatura chamada infanto-juvenil. Nestas buscas, encontramos trabalhos como o de Jorge (2021), que fala a respeito do suicídio e do luto ao analisar o livro *“Meu amigo pintor”* (Bojunga, 1987/2006), e também outros escritos que dialogam sobre morte, vida e Arte a partir de análises de diferentes obras literárias (Correia, 2013) ou de criações de uma HQ (Fukumoto, 2024).

Mergulhadas na procura, uma História em Quadrinhos nos encontrou. Durante uma aula de desenvolvimento humano ministrada pela presente orientadora deste trabalho, foi apresentada a HQ *A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação*, da Turma da Mônica (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007)¹, turminha essa coincidentemente muito presente no coração e no dia a dia da orientanda, que estava na classe e foi convidada a fazer a leitura da História. Foi, então, a partir de afetos, memórias e diferentes sentidos despertados ao longo da

¹ A autoria da História em Quadrinhos analisada foi atribuída aos Estúdios Mauricio de Sousa, da Mauricio de Sousa Produções (MSP), visto que há vários profissionais que participaram da criação e a ficha editorial não identifica os roteiristas e ilustradores específicos da obra.

leitura, que a obra se apresentou para nós, como se pedisse para ser analisada. O pedido chegou como um abraço e foi, logo, abraçado.

3. RESULTADOS

Caminhando entre os diálogos de Mingau e Aveia sobre morte, luto e vida

A obra analisada é uma História em Quadrinhos, em que a composição forma-conteúdo acontece por palavras, desenhos e cores, os quais dão vida aos personagens nela presentes. Segundo Navas e Almeida (2024), tanto livros ilustrados quanto Histórias em Quadrinhos utilizam palavras e imagens na narrativa, não como linguagens separadas, mas em um diálogo em que, entrelaçadas, formam um único texto. Assim, analisar uma HQ inclui um olhar que vá ao encontro a todos elementos que se entrelaçam e formam a obra.

Em *A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação*, os gatinhos Mingau - bicho de estimação de uma das quatro integrantes da turma da Mônica, a Magali - e Aveia, amiga dele, são os personagens principais que constroem a História. Nela, falam sobre a morte de um felino conhecido deles e tantas outras questões que vão se ramificando ao longo do diálogo.

Ora, em um mundo em que os animais não-humanos não falam com palavras, é importante observar que há, nesta obra, a atribuição de características humanas aos gatos - a partir de balões de pensamentos, Mingau e Aveia comunicam-se como dois amigos humanos. Esta representação, segundo Ferreira (2019), não se restringe à Literatura, sobretudo infanto-juvenil, mas é um elemento presente na humanidade desde os primórdios na arca cultural e religiosa do ser humano. Este recurso também é abordado por Vigotski (1999) ao analisar uma fábula, obra em que preferencialmente opera com animais como personagens, e que nos leva a entender que esta é uma forma que dá contorno a diferentes conteúdos. Destaca-se, assim, que, conforme os quadrinhos, a análise associará as características, diálogos e reflexões dos gatos personagens como se fossem humanos.

*O gato da rua de baixo*² *partiu, Mingau* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p. 44) é a fala que introduz a História para discutir sobre a morte. Neste contexto, o fato de uma HQ - que, a princípio, surge com caráter de entretenimento e alcança, principalmente, o público infanto-juvenil (Mendes, 1999) - dar o contorno a um conteúdo por vezes silenciado socialmente, já é uma indicação de que há uma forma que contradiz o conteúdo.

Diante desta composição, ao caminhar entre as palavras de Mingau e Aveia a partir da organização delas em temáticas de destaque, encontramos algumas que chamam a atenção, como *céu dos gatos*, *lembranças* e *missão*. Elas, recheadas de outras palavras, gestos e ilustrações, sintetizam os conteúdos essenciais da História em Quadrinhos e nos fazem perceber que o assunto da morte - *céu dos gatos* - vai além e abre alas para outros, como o luto - *lembranças* - e a vida - *missão* - que serão justamente as três temáticas analisadas neste trabalho.

3.1 Céu dos gatos: *O gato da rua de baixo partiu, Mingau*

Depois que Aveia enuncia a primeira frase da História em Quadrinhos, contando que o *gato da rua de baixo partiu*, Mingau fica confuso - *Partiu? Ué! Ele foi para onde? Aquela casa não era dele?* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p. 44) - e, em seguida, a gatinha responde, ao olhar sorridente para o horizonte, que *Ele foi para o céu dos gatos* (p. 44). O gatinho, por um instante, ainda fica confuso, mas logo grita *AH!! ELE MORREU?!* (p.45) - aqui, nota-se que, assim como ocorre na comunicação humana, o uso de letras garrafais também aparece no diálogo entre os gatos para indicar uma fala gritada. Além das letras garrafais, nota-se, também, os olhos esbugalhados e os traços no entorno de Mingau indicando movimento brusco, que podem ser associados a expressões de surpresa e susto. Uma vez que a morte é um assunto

² Cabe destacar que, aqui, o personagem citado por Aveia não é, de fato, nomeado. Assim como discorre Ciampa (1986, p.63), “nós nos identificamos com nosso nome”, isto é, pode-se compreender que, na tirinha, não é dada uma identidade ao gato da rua de baixo. Uma hipótese para a não nomeação seria ampliar as possibilidades de identificação com os leitores que têm e/ou perderam algum animal de estimação, tornando a vivência de perda e luto, apesar de singular, também universal.

interdito e quase impronunciável na contemporaneidade (Maranhão, 1996), é possível compreender o uso desses recursos como uma representação da surpresa que ele pode causar.

Figura 1

Mingau, surpreso, lamenta a morte do gato da rua de baixo



Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p. 45

Ademais, a partir destas primeiras palavras, notamos diferentes termos usados para designar a morte - *partiu* (p. 44), *céu dos gatos* (p. 44) e *morreu* (p. 45). Observa-se que isto pode refletir a sociedade, em que diferentes sentidos - que são os olhares singulares que cada indivíduo constrói sobre o significado histórico e socialmente produzido (Aguiar & Ozella, 2013) - atribuídos à morte vão coexistindo e cada um vai entendendo o fenômeno à sua maneira. Mingau não entendeu que o gato da rua de baixo havia morrido quando Aveia disse que ele *partiu*, mas quando ela falou que ele foi para o *céu dos gatos*, acrescentou-se mais um sentido e o felino começou a compreender.

No contexto destas primeiras cenas, já é notável que as palavras escolhidas e o modo em que aparecem no diálogo dos personagens faz com que não seja apenas uma referência a conversas cotidianas, mas uma História que pode suscitar diferentes sentidos e afetos. Desta maneira, vê-se, na tirinha, o potencial da Arte que, a partir da vida, produz algo novo e pode contribuir para a visão de mundo dos seres humanos (Candido, 1995; Vigotski, 1999). Ao ler a conversa entre Mingau e Aveia, pode-se ir além e pensar sobre conteúdos da vida ainda não simbolizados de outros modos - por meio da forma, o conteúdo ganha maior significado e, juntos, aumentam a capacidade de ver e sentir (Candido, 1995).

Ademais, o uso de expressões como *céu dos gatos* pode estar associado a “descansou” e “foi para o céu”, que são frequentemente utilizadas ao falar da morte, sobretudo com crianças. Segundo Kovács (1992), a fuga de uma comunicação clara é vista, muitas vezes, como forma de proteger a criança ou não a entristecer. No entanto, o que acontece, geralmente, são a apreensões equivocadas - pensar que a pessoa voltará ou se culpar pela ida - e despertar na criança sentimentos de confusão (Bromberg, 1998; Kovács, 1992) - similar a Mingau, que fica confuso depois que Aveia menciona o *céu dos gatos*.

Mingau, com esta confusão, questiona Aveia a fim de entender, mas e se não perguntasse? E se as crianças não questionarem como ele? E se não receberem respostas claras? É possível que as compreensões equivocadas e/ou a dificuldade de elaborar sejam desencadeadas. Por isso, diante de situações em que a morte ou outras perdas estejam presentes na vida, a criança pode ter dúvidas e é preciso que as orientações sejam dadas a ela com precisão (Bromberg, 1998) - o diálogo entre os gatinhos na tirinha pode ser uma exemplificação disto. Nela, a partir desses diferentes sentidos, o assunto muitas vezes interdito, torna-se dialogado.

Também, mais adiante, em diferentes momentos na História em Quadrinhos, os personagens conversam sobre como pode ser este *céu dos gatos*, o que abre espaço para compararmos com quando, em busca de mais sentidos para a morte, os seres humanos têm diferentes hipóteses a respeito do que vem com o fenômeno - a exemplo daqueles que acreditam na ida para o paraíso, em uma perspectiva religiosa. Aveia conta sobre o que ela acredita ao falar para Mingau que o céu dos gatos tem Sol o dia inteiro, leite, que os gatinhos podem atirar flocos de nuvem nos céus dos cachorros e hipotetiza que, neste céu, pode haver o reencontro entre eles e aqueles que ficaram na terra. Ao terminar de fazer estas descrições, Aveia sorri de leve olhando para o céu, ação que pode representar os momentos em que metáforas como essas dão novos contornos para as dores diante das perdas.

3.2 Lembranças: *Como é que um bichinho pode voltar se nunca vai sair de perto?*

O diálogo entre os personagens continua e as dúvidas de Mingau também. O gatinho, depois que Aveia fala como é o céu dos gatos, pergunta se a ida do gato da rua de baixo quer dizer que *ele não vai mais voltar* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p.46). Depois de também ficar reflexiva, o que fica evidente não só com a sua resposta - *Hum... Depende* - mas também com o gesto de colocar a patinha no queixo, ela evidencia, poeticamente, um pensamento: *Como é que um bichinho pode voltar se nunca vai sair de perto?* (p.46).

Figura 2

Aveia responde a impaciente pergunta de Mingau



Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p. 46

Mingau não fica satisfeito com a resposta e pelo contrário, diz que, desse jeito, Aveia confunde a sua cabeça³. Diante da confusão, com a testa franzida e patas para cima, sugerindo impaciência, ele é firme ao perguntar: *ele foi ou não foi?* (p.46). Observa-se que a ilustração desses gestos é fundamental para reforçar que Mingau ainda não entendeu o que a amiga quis dizer. A felina responde que foi, mas que *um pouco dele sempre permanecerá aqui! Nas lembranças! No amor! No carinho! Nos bons momentos que passou junto dos seus donos* (p.46). Nesta cena, percebe-se que há delicadeza e afeto na fala de Aveia, o que, na análise, pode despertar, por exemplo, alegria e aconchego, embora ela esteja falando do luto. Recorda-se,

³ É possível observar, que, enquanto Aveia utiliza de metáforas e textos mais poéticos para falar da morte, Mingau fica confuso diante dessa comunicação e utiliza uma linguagem mais literal, um estilo que pode se relacionar com a identidade dos dois, que se diferem em gênero. Pensa-se que essa representação pode ser uma referência a possíveis padrões de comunicação dos gêneros.

então, da descrição que Vigotski (1999) faz da catarse como uma complexa descarga de diversos afetos que surge a partir da contradição entre forma e conteúdo.

Em um dos diálogos da obra *“Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis”* (Moraes et al., 2012), o ilustrador Ricardo Azevedo menciona que, para ele, a ilustração deve dialogar com o texto para ampliar o universo significativo e trazer algo maior do que texto e imagem em si mesmos ao leitor - olhar que entrelaça com a fala de Vigotski a respeito da arte como aquela que “sempre implica algo que transforma” (Vigotski, 1999, p.307). Na cena em que Aveia diz que o gato da rua de baixo se foi, mas parte dele permaneceu, o desenho a ilustra sorrindo e o diálogo desta expressão com a fala da personagem é fundamental para a percepção de que a temática do luto está aparecendo no texto com um contorno contrastante.

Diante dos sentidos que vão surgindo a respeito do luto na tirinha, convém retomar brevemente o conceito a fim de clarear mais as associações feitas. O luto é um processo que envolve diferentes reações frente a pedaços perdidos, rupturas, perdas não apenas ligadas à morte (Buarque de Holanda, 1978; Combinato & Queiroz, 2006; Fischer et al. 2007 & Kovács, 1992). No trecho da obra citado anteriormente, identifica-se na fala de Aveia que um pouco do gato da rua de baixo permanece nas lembranças, no amor, no carinho e em bons momentos que ele passou com os responsáveis pelo animal, uma das reações possíveis no processo - a conexão com as memórias e os sentimentos vividos com o que se foi.

Outrossim, sabe-se que o luto desencadeia reações de, como canta Buarque de Holanda (1978) em *Pedaço de mim*, uma saudade que “dói latejada”, o que pode ser associado ao fato de que, no processo, há dores que dilaceram, que podem provocar desorganização, lamento, impotência e outros sentimentos fortes (Kovács, 1992). Estas dores também ficam evidentes na conversa entre Mingau e Aveia quando o gatinho, até com os olhos esbugalhados, fala: Mas *eu nunca miei pra ele!!* (p. 45) e quando diz *Oh, puxa! Sentirei falta dele!* (p. 49). Mingau lamenta,

demonstra, nas palavras e na face, uma dor que o afetou. É válido refletir que as reações desencadeadas pelo luto podem ser diferentes e diversas para cada sujeito, uma vez que especificidades como o tipo de perda ou morte, a relação com o ser que morreu ou com o que foi perdido, as experiências vividas previamente à perda ou à morte são determinantes no processo (Parkes, 1998). Desta forma, reflete-se que a reação diante da morte do gato da rua de baixo poderia ser diferente se, por exemplo, a circunstância do ocorrido tivesse envolvido um acidente e a narração dele fosse feita pelos responsáveis pelo animal, por exemplo.

Ainda, mais no fim da tirinha, ao já estar só, o felino reflete consigo mesmo que os responsáveis pelo gato da rua de baixo *devem estar tristes* (p.51) e, acrescenta *Mas isso passa!*, isto é, fala da reação de tristeza diante da morte e de que esta reação passará. Este recorte pode despertar até uma vontade de conversar com o próprio Mingau questionador e perguntar: será? Mesmo na impossibilidade deste diálogo direto, direcionamo-nos à esta reflexão: será que a tristeza e outros sentimentos fortes passam, de fato?

Kovács (1992) menciona que o tempo do processo do luto é variado. Ao longo deste tempo, com a elaboração do luto, o que é perdido fica internalizado nas memórias e as conexões com as recordações podem levar à sensação de “presença na ausência” (1992, p. 158), compreensão que nos faz resgatar a poeticidade de Aveia ao falar que o bichinho não sai de perto, mas fica na lembrança, no amor. É com o olhar para este entendimento de Kovács (1992) e para os diferentes sentidos que os diálogos dos gatinhos dão para o luto, que se problematiza a fala de Mingau de que a tristeza passa e considera que a dor presente no processo pode ser elaborada e transformada, mas podendo ir e vir ao longo do tempo, coabitando com tantos outros sentimentos que a perda pode despertar.

Diante destas cenas, ficam evidentes as inúmeras emoções e reflexões que podem ser desencadeadas ao lê-las e observá-las. A conversa de Mingau e Aveia, ao delicadamente abordar uma temática comumente dilacerante, afeta, emociona e leva a pensamentos que fazem

o coração se sentir apertado e abraçado, simultaneamente, similar à complexa descarga de emoções e sentimentos na catarse (Vigotski, 1999). Concomitantemente a esta explosão de afetos durante a leitura, houve o encontro com diferentes sentidos do luto na vida, fato que, novamente, expõe, similar ao que discorre Candido (1995), a potência da organização em não só emocionar, mas também humanizar, ampliar a compreensão e o olhar para a vida.

3.3 Missão: *Dividir o mesmo coração*

Aveia, após falar que um pouco do gato da rua de baixo permanece, diz que o mais importante é *ter a certeza de que [o gato da rua de baixo] cumpriu a sua missão* (p.47), o que nos aproxima do entendimento do próprio título da tirinha. Mingau também quer saber que missão é essa e ao perguntar até faz uma suposição - com o peito estufado - de que a missão é *mostrar aos humanos que somos mais inteligentes e emocionalmente superiores?* (p.47). Nesta frase, vê-se um tom humorístico que aparece ao longo da HQ e pode-se observar como este recurso concede uma leveza ao diálogo. Então, a gatinha, até com expressão de braveza, corrige o amigo - *Não, Mingau! A de que toda vida vale a pena!* (p.47). A partir das frases que sucedem esta última, seguimos para olhar e compreender melhor o que os felinos falarão a respeito de mais uma temática tão sensível: a vida.

Depois de falar que toda vida vale a pena, Aveia prossegue a explicação e diz que há humanos que maltratam, ignoram o ronronar, não percebem nem entendem as ações dos bichinhos, mas, ao mesmo tempo, *há aqueles que os tratam com carinho, respeito e dignidade* (p.47). Nota-se que, o que a felina afirma na ficção, dialoga com a vida real, onde há tanto ações que assegurem dignidade aos sujeitos quanto ações que a ferem.

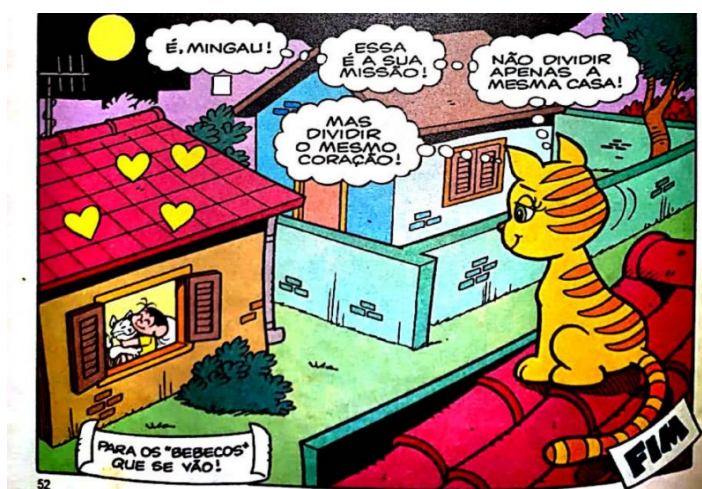
Como destacam Maranhão (1996) e Combinato e Martin (2017), embora a morte seja universal, a desigualdade dos seres humanos em vida é presente também nela, o que faz com que os índices de mortalidade variem de acordo com classe, grupos étnico-raciais e gênero, por

exemplo. Assim, as palavras de Aveia levam à reflexão de como, na vida e na morte humana, a dignidade e o asseguramento dos direitos não estão presentes de forma igualitária, mas variam de acordo com o contexto social. No diálogo entre ficção e realidade, pensa-se que toda vida deveria *valer a pena*, como fala Aveia, mas, na desigualdade, há aquelas que são socialmente desvalorizadas e invisibilizadas.

Posteriormente, há cenas em que, sorridentes, os gatinhos falam de diferentes missões dos bichinhos de estimação - como quando Aveia aponta que o gato da rua de baixo *deixou a vida dos seus humanos mais brilhante* (p. 48) e depois fala que a missão dela é *ser livre*. Também, há a cena em que Mingau reflete sobre como ele e Magali têm sorte de estarem na vida um do outro, recordando de vezes em que ela *deu leite, ração, carinho...* (p. 50) e ele retribuiu esquentando seu colo *nas noites frias de inverno* (p. 50). Ao final, assim que o felino chega em casa, faz um carinho em Magali e é abraçado por ela, Aveia olha a cena com olhar admirado e enuncia que a missão dele não é apenas dividir a mesma casa, *mas dividir o mesmo coração* (p. 52).

Figura 3

Aveia olha para Mingau e reflete sobre a missão do amigo



Estúdios Mauricio de Sousa, 2007, p. 52

Percebe-se que, em cada uma destas palavras e destes gestos, há descrições poéticas a respeito da vida e de como as ações deixam marcas nas pessoas. Observa-se que é a partir desta

poeticidade, como forma, que a narrativa dos gatos sobre a morte e os acontecimentos da vida deles, como conteúdo, é transformada e ganha um tom repleto de afeto e saudosismo. Assim como ocorreu, pessoalmente, durante a análise, é possível que esta transformação chegue no leitor e desencadeie diversas emoções e sentimentos contraditórios - a catarse como Vigotski (1999) menciona.

No encerramento da HQ, o quadrinho finaliza com a frase para os “*bebecos*” que se vão, que aparece quase como uma nota de rodapé. Anteriormente, o termo “*bebecos*” aparece quando Aveia diz que outra missão dela é *mostrar a todos os outros “bebecos” que eles têm sorte de ter um humano com ele e que esses humanos também têm a mesma sorte em nos ter* (p. 49). A partir da frase no fim da HQ e do uso singular da expressão “*bebecos*”, com uso da vírgula, supõe-se que o termo é usado na vida real por quem escreveu e que pode fazer referência a um bichinho que, de fato, se foi, o que pode aproximar o leitor da obra e tornar a tirinha, também, uma homenagem à vida dos animais de estimação que já morreram. Esta pessoalidade, então, é mais um recurso da organização da obra em questão e, com ele, houve uma nova atribuição de sentido à História.

Deste modo, a HQ, que começa com Aveia contando a Mingau que o gato da rua de baixo morreu, finaliza com uma homenagem sentimental à vida e com destaque para as missões presentes nela. Ao considerar que, na contemporaneidade, a morte é um assunto interdito, colocada como avesso da vida, este fim, com tom leve e amoroso, escancara a contradição que existe entre a forma e o conteúdo da obra. Com isso, a narrativa possibilita a reflexão de que morte, luto e vida são temáticas entrelaçadas entre si, com a possível coexistência de afetos densos e sutis ao acessá-las, seja dentro ou fora da ficção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como destacam Combinato e Queiroz (2006), a morte e o luto são abarrotados de valores, afetos e significados associados ao contexto histórico e sociocultural. Entende-se, também, que a Arte e, logo, a Literatura, pode ser uma via potente de acesso a estas temáticas, uma vez que, no encontro entre forma e conteúdo, pode haver uma transformação dos afetos, pensamentos e visões de mundo dos sujeitos, humanizando-os (Candido, 1995; Vigotski, 1999). Diante disso, este trabalho buscou realizar uma análise da obra *A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação* (Estúdios Mauricio de Sousa, 2007), a partir das contribuições de Vigotski (1999) e de Candido (1995), com o intuito de contribuir para atuação profissional em Psicologia ao investigar e compreender os diferentes sentidos a respeito da morte e do luto.

No percurso da análise, a morte, o luto e a vida foram as temáticas de destaque identificadas ao longo da HQ. Notou-se que as expressões dos personagens, as letras garrafais em momentos específicos e as palavras utilizadas são exemplos de recursos da forma que podem propiciar diferentes compreensões da narrativa e das temáticas delimitadas.

Nos primeiros quadrinhos, foi possível refletir a respeito das expressões utilizadas para se referir à morte e como essas expressões contam a respeito de sentidos atribuídos à morte, muitas vezes interdita na sociedade. Ao dar continuidade ao diálogo a respeito da partida do gato da rua de baixo, Mingau e Aveia abordam as lembranças e as marcas que permanecem dos animais que se vão. Neste contexto, que foi relacionado aos diferentes sentidos de luto, notou-se que a delicadeza e a ilustração de Aveia sorrindo enquanto fala deste processo são indícios da contradição entre forma e conteúdo que podem propiciar a catarse durante a leitura. Além disso, as falas dos personagens a respeito da missão de cada bichinho de estimação podem suscitar afetos e reflexões, sobretudo a respeito da dignidade na vida e na morte, como também da Arte como possibilidade de aproximação entre autores e espectadores.

As diferentes reflexões, afetos e sentidos encontrados no caminho da análise enfatizam a potência da composição entre forma e conteúdo, isto é, da Arte. Neste estudo, a análise restringiu-se a uma HQ e não houve, por exemplo, a leitura e análise de diferentes obras ou a leitura e reflexão da obra com outras pessoas em contextos de formação e atuação – a exemplo da Psicologia Escolar e Educacional, Saúde e Hospitalar, Jurídica, Clínica e Social – profissional, o que poderia investigar a potência da Arte a partir de diversos olhares e contribuir ainda mais para a articulação entre a Arte e a Psicologia. Destaca-se, assim, a relevância de que sejam feitos novos estudos a respeito dos sentidos e afetos que surgem em relação à morte e ao luto quando abordadas pela Literatura, principalmente pelas HQs.

Por fim, com o encerramento deste trabalho vejo que, assim como tantas pessoas e seres que já estiveram presentes na minha vida, ele deixa marcas, pensamentos e afetos que permanecem em quem eu sou, como ser humano e, principalmente, como futura profissional em Psicologia.

REFERÊNCIAS:

- Acioli, S. (2014) *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Aguiar, W. M. J. de., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299–322.
- Bromberg, M. H. P. F. (1998). “Ele não vai voltar?” A criança diante da morte. In Berthoud C. M. E., Bromberg, M. H. P. F., & Coelho, M. R. M. *Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos* (Cap. 2, pp. 48-68). Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- Bojunga, L. (2006). *O meu amigo pintor* (22a ed.). Editora Casa Lygia Bojunga. (Trabalho original publicado em 1987).
- Buarque de Holanda, F. (1978). Pedaco de mim [Canção]. *Chico Buarque*. Philips/Fontana.

- Candido, A. (1995). O direito à literatura. In *Vários escritos* (pp. 169-191). São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul.
- Ciampa, A. Identidade. (1986) In: Lane, S.; Codo, W. (org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 4. ed. (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. de S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos De Psicologia (Natal)*, 11(2), 209–216. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. de S. (2011). Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(9), 3893–3900. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001000025>
- Combinato, D. S., & Martin, S. T. F. (2017). Necessidades da vida na morte. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 869–880. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0649>
- Combinato, D. S. (2018). O potencial transformador da arte: um diálogo entre Vigotski e Antonio Candido. *Dialogia*, (30), 101–110. <https://doi.org/10.5585/dialogia.N30.8328>
- Correia, G. M. R. R. (2013). *A morte na literatura infanto-juvenil: Da análise de obras literárias ao incentivo da leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar* [Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas]. Universidade Portucalense. <https://repositorio.upt.pt/entities/publication/77ade2e1-20eb-4577-b155-8234af4ae646>
- Estúdios Mauricio de Sousa, M. de. (2007, novembro). A missão dos gatos e de cada bichinho de estimação. *Revista da Magali*, (Nº11). São Paulo: Panini Comics.
- Ferreira, K. C. M. (2019). *Histórias de gatos livres na literatura infantil de Sylvia Orthof*. *Revista Línguas e Letras*, 20(47), 106–123. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52385>
- Fischer, J. M. K. et al. (2007). *Caderno de tanatologia*. Curitiba: Unificado.

- Fukumoto, Y. K. (2024). *Entre quadrinhos e cartas: uma proposta de mediação a partir do luto e sua ressignificação através da arte*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista. <https://hdl.handle.net/11449/259731>
- Jorge, T. G. (2021). As cores do suicídio em O meu amigo pintor de Lygia Bojunga. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil* (8), 1–13. <https://doi.org/10.15304/elos.8.7589>
- Junqueira, F. M., Hernandes, L. R.; Franco, M. H. P. (2021). Arteterapia e luto: recursos expressivos no atendimento ao enlutado. In Franco, M. H. P., Andery, M. C. R., Luna, I. J. (Orgs.). *Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas* (Cap. 4, pp. 51-72). Curitiba: Appris.
- Kovács, M. J. (1992). Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. In *Morte e desenvolvimento humano* (Cap. 4, pp. 49-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e o processo de luto. In *Morte e desenvolvimento humano* (Cap. 9, pp. 153-169). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2005). *Educação para a morte*. *Psicol. cienc. prof.*, 25(3), 484-497. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S1414_98932005000300012
- Maranhão, J. L. S. (1996). *O que é morte*. São Paulo: Brasiliense.
- Martins, L. M., & Carvalho, B. (2017). A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. *Psicologia Em Estudo*, 21(4), 699-710. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i4.32431>
- Mendes, M. L. G. da C. (1999). Fragmentos do discurso quadrinizado: uma leitura crítica da personagem Mônica. *Informação & Sociedade: Estudos*, 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/404>

- Minayo, M. C. de S. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (21a ed.) (Cap. 1, pp. 9-29). Vozes.
- Moraes, O., Hanning, R., Paraguassu, M. (2012). *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*. São Paulo: Cosac Naify.
- Navas, D., & Almeida, L. T. de. (2024). Palavras e imagens literárias: aproximações entre histórias em quadrinhos e livros ilustrados. *Bakhtiniana: Revista De Estudos Do Discurso*, 19(3), e63806p. <https://doi.org/10.1590/2176-4573p63806>
- Papalia, D. E. & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano* (14a ed.). Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786558040132>
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (M. H. F. Bromberg, Trad.). São Paulo: Summus.
- Santos, R. E. dos. (2001). Aplicações da História em Quadrinhos. *Comunicação & Educação*, 22, 46-51. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i22p46-51>
- Silva S. M. C., Nunes, L. G. A. (2021). A arte existe porque a vida não basta - propostas para uma parceria entre Psicologia Escolar e Arte. In: Facci, M. G. D., Anache, A. A., Caldas, R. F. L. (org.). *Por que a Psicologia na Educação? Em defesa da emancipação humana no processo de escolarização*. Curitiba: CRV, 2021, p. 169-194.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.